

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
 Administrador, Antonio Dantas
 Redacção e administração,
 Rua de Payo Galvão, 70

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empreza
 DOS
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
 Typographia Minerva Vimaranesense
 68, Rua de Payo Galvão, 72
 GUIMARÃES

FESTAS DA CIDADE

Nos dias 31 de julho, 1 e 2 d'agosto

PROGRAMMA

Dia 31 de Julho

A cidade será despertada por uma salva de 21 tiros annunciando o primeiro dia das grandiosas festas, seguindo-se a alvorada pelas bandas de musica.

Feira de gado bovino

E' no Campo da Feira onde, em innumeras barracas, se exhibem os divertimentos proprios das grandes festas populares, que se realisa a *Feira de gado bovino*, uma das mais importantes do paiz.

Pelas 4 horas da tarde será feita por um jury a classificação do gado a fim de serem conferidos os seguintes

Premios

- 1.º—Ao melhor expositor de touros de raça barrosã (1.ª classe) de 18 mezes a 6 annos de idade 200000
- 2.º—Ao melhor expositor de vaccas barrosãs de 2 1/2 a 6 annos de idade 200000
- 3.º—Ao expositor da melhor junta de bois de engorda 150000
- 4.º—Ao expositor da melhor e mais bella junta de bois de trabalho 150000
- 5.º—Ao expositor da melhor junta de touros a dois dentes 100000
- 6.º—Ao expositor da melhor e mais perfeita junta de vaccas de trabalho 100000

Arraial

Deslumbrante arraial no Campo da Feira com illuminações, bandas de musica, fogos de artificio, aerostatos, etc.

As illuminações d'esta noite produzirão, como sempre, effeito surprehendente.

Dia 1 de Agosto

Alvorada pelas diversas bandas de musica.

A Praça de D. Affonso Henriques, Passeio da Independencia, Rua de S. Damaso, Campo da Feira, Senhora da Guia, Oliveira e Rua da Rainha apparecerão bellamente engalanados.

Na Sociedade Martins Sarmento

Visita á *Exposição Bordallo Pinheiro Faiança artistica das Galdas da Rainha*.

Feira de gado cavallar

a que concorre a Commissão de Remonta do Exercito, e em que serão conferidos os seguintes

Premios

- 1.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo de sella, com a altura de 1,47 ao hypometro, da idade de 4 a 7 annos, inclusivé 300000
- 2.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo de sella, de 1,40 a 1,47 de altura ao hypometro, da idade de 4 a 7 annos, inclusivé 200000

dados magnificos exemplares da Borda d'Agua, das acreditadas ganaderias do Marquez de Castello Melhor e Pinto Barreiros, do Carregado. Cavalleiros, os laureados Manoel e José Casimiro e o arrojadissimo e distincto amator João Marcellino d'Azevedo; bandarilheiros: Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Torres Branco, Carlos Gonçalves, João Froes e Vital Mendes.

Illuminações geraes

A' noite a cidade apresentará o aspecto feérico e deslumbrante que sempre resulta das suas inexcitaveis illuminações. As *Gualterianas* são conhecidas e justa-

Feira de gado cavallar

Continuação da feira de gado cavallar, a que concorre a Commissão de Remonta do Exercito.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS

A's 11 horas da manhã, no Campo da Feira, é feita a distribuição de premios nos termos do programma.

Banda do 37 de Murcia

No comboyo das 11,18 chegará á estação do caminho de ferro a laureada banda hespanhola do Regimento de Infantaria n.º 37,

anno fecham com o *surprehendente numero* da

Marcha Milaneza

Cortejo luminoso, original e encantador, organizado pelos Empregados de Commercio, que sahirá pelas 10 horas da noite.

As festas serão abrilhantadas por 10 bandas de musica.

INDICAÇÕES

As companhias dos Caminhos de Ferro de Guimarães e Minho e Douro estabelecem comboyos extraordinarios a preços reduzidos.

GUIMARÃES

Monumentos historicos, religiosos, sociaes e de beneficencia:— Igreja de S. Francisco, Collegiada, Paços dos Duques de Bragança, Castello de Guimarães, Estação dos Bombeiros Voluntarios, etc., etc., Hospitales, Asyls, Sociedade Martins Sarmento, Lyceu Nacional, Igreja de S. Domingos, Igreja de S. Damaso, Igreja dos Santos Passos.

Fabricas

De Fiação e Tecidos de Linho e Algodão, de Malhas, de Cortumes, de Cutelarias e Pentes, de Moagem, etc.

Vizella

Magnifico Estabelecimento Thermal. Hoteis de 1.ª ordem.

Taypas

Novo Estabelecimento Thermal. Bons Hoteis.

Pevidem

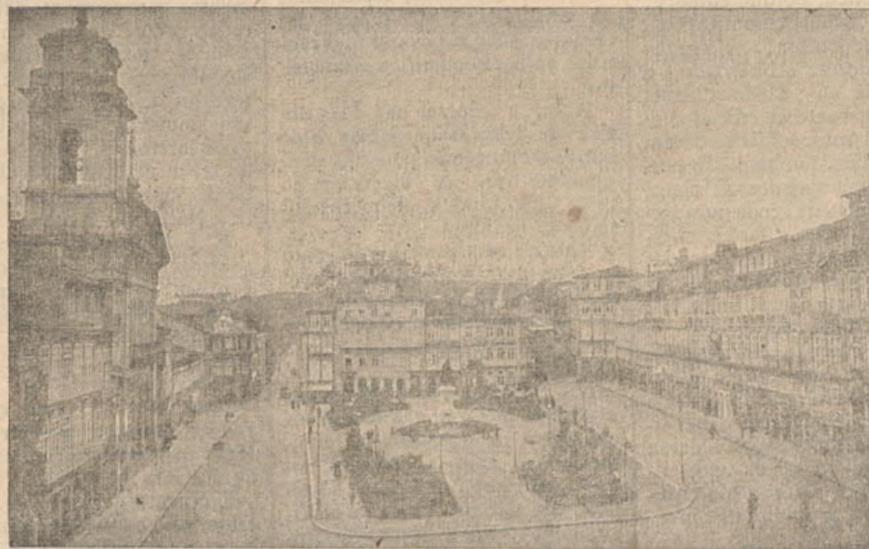
Industria de Fiação e Tecidos.

S. Torquato

Magestoso templo, passeio lindissimo.

Penha

Bellezas naturaes inegalaveis, lindissimos panoramas.



PRAÇA D. AFFONSO HENRIQUES

- 3.º—Ao expositor do mais perfeito poldro ou poldra até 4 annos, inclusivé 100000

Pelas 11 horas reunirá o jury para a classificação do gado cavallar.

Pelas 11 horas de segunda-feira, será feita a entrega dos premios no local da feira.

O gado bovino e cavallar premiado no ultimo anno não poderá ser novamente classificado.

Todos os concorrentes deverão inscrever-se até ás 12 horas (meio dia) do dia 31 de Julho em casa do director da Associação Commercial Snr. José Pinto Pereira d'Oliveira, Praça D. Affonso Henriques (Toural).

Passada a hora indicada, fica encerrada a inscripção.

Grandiosa tourada

Brilhante corrida de touros ás 4 horas da tarde, em que serão li-

mente apreciadas pelo gosto e brilho das ornamentações.

Bandas de musica nos principaes pontos da cidade.

Alegres e caracteristicas *Festadas Minhotas* percorrem as ruas.

No jardim magnifico concerto pela Banda Regimental de Infantaria 20, ás 9 1/2 horas.

FOGOS DE ARTIFICIO dos principaes pyrotechnicos do paiz.

Bombeiros Voluntarios

Exercicios completos pela humanitaria corporação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães ás 8 e meia horas da noite, na casa do Snr Luiz José Gonçalves Basto, com holophotes e projecções luminosas.

Dia 2 de Agosto

Repetem-se as manifestações festivas dos dias anteriores.

de Murcia, sendo esperada na gare por duas phylarmonicas e pela direcção da Associação Commercial, fazendo nessa occasião os cumprimentos do estylo.

Corrida de touros

A's 4 da tarde realisa-se a 2.ª corrida de oito bravos touros com o mesmo pessoal escolhido da praça do Campo Pequeno de Lisboa.

Concerto

No Jardim Publico, pelas 9 e meia horas, concerto pela excelente *Banda Regimental do 37 de Murcia*.

Illuminações, fogos de artificio, aerostatos e *Festadas Minhotas*.

As festas d'este dia e d'este



BELLEZAS
DO REGIMEN

Umas instituições não se mudam senão pela violência.

Para isso, tem de se congregarem os esforços de todos os descontentes, de todos os ambiciosos, tem de se rastejar na sombra, tem de se convencer uns, de corromper outros.

Para uma revolução ser viável na actualidade, ha que attender a muitos factores: á rapidez das ordens, á extrema mobilidade das tropas que, com os actuaes meios de transporte, conseguem quasi o dom da ubiqüidade; á perfeição dos armamentos, etc.

Com as difficuldades da vida, cada vez maiores e mais terriveis, aquelle que consegue obter um logar, por mais modesto que elle seja, empenha todas as forças da sua intelligencia e da sua vontade por conservá-lo. Ninguem pois arrisca levemente o pão de seus filhos. Por tanto, para um funcionario dos correios ou dos caminhos de ferro arriscar o seu relativo bem estar, precisa de estar seguro da cooperação dos seus collegas e da impunidade que isso lhe dá e de fortes recompensas em caso de successo.

Mas como isso não é bastante, e uma revolução, por melhor organizada que esteja, é absolutamente inviavel sem o concurso da tropa, necessario é aliciar a tropa.

Noutros tempos, não sei por que processos, aliciavam-se os officiaes, pois que d'elles dependia o concurso dos soldados.

Hoje não é preciso isso—hoje basta arrancar do espirito dos sargentos o sentimento da disciplina. O processo é convencê-los que elles em nada são inferiores aos officiaes senão na qualidade e feito dos galões, e portanto, para um sargento passar a ser official, apenas lhe basta adherir ao movimento.

E' claro que nenhum argumento poderá calhar melhor num espirito inculto, como o que tender a lisongear-lhe a vaidade, portanto, o sargento adere. Mas o soldado também é gente, também raciocina e portanto chega á conclusão que se um sargento é igual a um official, e sendo um soldado igual a um sargento—de soldados é que os sargentos se fazem, também um soldado é igual a um official.

E sendo assim, porque razão é que o soldado ha de obedecer ao official e não o official ao soldado?

Sim, porque? Porque é que num regimen de egualdade, ha de um soldado fazer fuchinas, carregar com a mochila, fazer guardas, aturar as impertinencias dos officiaes, se estes apenas se differenciam d'elles em trazer galões vistosos e em levarem melhor vida?

E' certo que elles gastaram alguns annos, os melhores da sua vida, a estudar e a preparar-se para desempenharem cabalmente umas funções que o soldado não conhece senão superficialmente. Mas que tem o soldado com isso? Se o fez é porque muito bem quiz e não porque o obrigassem, como o obrigaram a elle soldado a assentar praça. Portanto, com que direito é que vem um figurão de um official dar-lhe ordens, e castigá-lo quando as não cumpre?

Não é o soldado um cidadão, livre como todo o cidadão que se preza de o ser numa *ré publica* luminosa? Clarissimo que o é: e sendo assim, o soldado marcha se lhe parece bem marchar, faz guardas se lhe appetecer fazê-las. Se o official concordar com as suas decisões bem está; se não, que se vá embora; e se teimar, dá-se-lhe um tiro. Para que traz o soldado uma espingarda? não é para defender a Liberdade? E'! E qual a razão porque o soldado

ha de defender a liberdade do snr. Affonso de Ligorio e não ha de defender primeiro a sua!

Um official castiga um soldado com dez dias de detenção: por este facto ficou o soldado privado de dez dias do mais importante das regalias que a *ré publica* podia conceder a um soldado cidadão: a liberdade. O soldado, que justamente se sente lezados nos seus interesses, precisa de uma indemnização, tão larga quanto possa sê-lo, e toma para si a vida, e com ella a liberdade, de quem tão arbitrariamente o prejudicou. E ao prostrar para sempre com uma bala o official tyranno, não é só um acto de justiça que pratica, mas um acto de fraternal solidiedade, pois evita que de futuro esse official repita o acto arbitrario e despotico, de privar da liberdade, mesmo temporaria, os seus camaradas, que tem direitos eguaes aos seus.

Não faltava mais nada senão um official intrometter-se na vida de um cidadão! Isso era bom nos tempos *ominosos* que felizmente nunca mais voltarão.

E' verdade que nestes tempos, apezar de luminosos, a liberdade não attingiu ainda toda a sua natural amplitude: ha ainda quem tenha a curiosidade de, pró forma, absolutamente pró forma, querer investigar a razão das coisas; sim, ha-de haver quem peça contas ao soldado de ter feito tão summariamente justiça por conta propria. O soldado meditou nisso, mas se viu o mal, também lhe encontrou o remedio, tão simples, tão innocente, e comtudo tão effizaz: matei um Thalassa. Viva a *ré publica*!

Quem se atreveria a tocar-lhe depois d'isso? quem se atreverá a attentar contra a vida e a liberdade de um defensor, de um amigo dedicado da *ré publica*?

Salvo se... salvo se... e nisto parece não ter o soldado pensado—salvo se o official também era defensor e amigo da tal *ré publica*, porque então... era o diabo... uma complicação...

Nem tudo lembra... e a *ré publica* se garante a liberdade e a fraternidade ao cidadão soldado, também a garante ao official amigo, sim, os snrs. soldados devem comprehender, também são precisos alguns authenticos officiaes, ainda que não seja senão para servirem de cabides a fardas vistosas e arrastarem nas calçadas luzentes e pudicas espadas. Tenham paciencia, snrs. soldados, mas para outra vez averiguem com mais cuidado em antes de applicarem a sua liberal e fraternal justiça, averiguem bem se o official que entenderem dever liquidar, será realmente Thalassa ou não, não vá ser ás vezes algum que faça falta á gloria da Patria e do prestigio das instituições.

Onde nos doe

Assim está epigraphada a replica que a «Alvorada» dá ao commentario que, ha dias, em o nosso semanario, fizemos ao brinde de um snr. major, que assistiu ao banquete de confraternização na Penha.

Esta replica mais parece a resultante da collaboração de dois scribas, do que producto de um só cerebro—tanto o democratico se não esquece de que é homem illustrado, como este se lembra de que, em obediencia ás praxes democraticas, se julga por vezes na obrigação de calçar o lamanca e a arregaçar as mangas da camisa.

Cortemos a membrana que une estes dois irmãos Siamezes e convidemos aquelle dos dois, que illustrou o seu espirito e puliu o seu trato, a entrar em uma discussão serena, rogando-lhe previamente o favor de pedir ao ou-

tro, ao mano, o obsequio de não vir intrometter-se em conversa para que não é chamado.

Ora pois, diz o Siamez educado e culto que:

O exercito recebeu da Nação os seus poderes, não podendo subsistir contra ella, contra os seus interesses, nenhum juramento ou compromisso de honra.

A isto, que para chamar a nossa attenção, veiu escripto em grosso normando, segue-se em typo vulgar:

Adoptado e escolhido pelo povo, que é a Nação, o novo regimen de governo, cumpria ao exercito, como fez, acatar a sua vontade, attendendo a que a força publica é essencialmente obediente, não só pela lei da organização militar do regimen de posto como pelo artigo 69.º da Constituição Política actual. Obediente á Nação que é o povo, juntamente com este, cumpre ao exercito velar pela honra, independência e integridade da Patria, que o mesmo é, segundo a vontade d'esse mesmo povo, velar pela honra, independência e integridade da republica.

Começaremos pelo fim, visto que, nesta luminosa *ré publica*, tudo anda virado do avesso, tudo anda de pernas para o ar; começaremos pois por negar que para o povo, isto é, para o verdadeiro povo, para a Nação Portuguesa, a honra, a independência e a integridade da Patria, se achem, de qualquer forma, consubstanciadas na *ré publica*. Não, de forma alguma. O meu oppositor esqueceu aqui, que era homem illustrado e sensato, para só se lembrar que era republicano; aliás, não viria para publico confundir esse bando de aventureiros a que os agitadores dão composamente o nome de povo, com o authentic, o genuino, o verdadeiro povo, que constitue a grande massa da nação. Essa confusão, que para não deprimir os dotes intellectuaes do articulista, capitulamos de voluntaria, ainda poderá dar algum resultado nos grandes centros, onde abundam os insatisfeitos.

Aqui, a não ser nas duas duzias de leitores da gazeta, e de outros tantos correligionarios alphabetos que as ouvem ler, no resto, não produz effeito absolutamente nenhum.

Aqui, como de resto, em todo o paiz, todo o mundo está farto de saber como, porquê e para quê se implantou a *ré publica* e como, porquê e para quê ella se aguenta.

No entanto, não será demais accentuar que, se não fôssem as phalanges de aventureiros recrutadas nas infimas camadas sociais, que emphaticamente se denominam defensores da *ré publica*, unica gente a quem ella protege e a quem ella aproveita, e se não fosse a indisciplina que lavra no exercito, ha muito tal forma de governo teria desaparecido de Portugal.

O meu oppositor já é com certeza do seculo passado.

No tempo da Monarchia, já era, portanto, um ser pensante, já devia estabelecer premissas e tirar conclusões, e por isso, com toda a certeza, não escapou á sua observação de então, nem á de agora, que no tempo da Monarchia, contra cuja tyrannia se revoltaram os demagogos, ninguem era perseguido pelas suas ideias politicas ou religiosas; a casa do cidadão era realmente um asylo inviolavel e seguro; o exercito era disciplinado; a vida e a tranquillidade do cidadão honesto estavam, tanto quanto possível, protegidas pela auctoridade e seus agentes; a liberdade de transmissão do pensamento era tal, que os fautores das novas instituições puderam muito á vontade organizar o seu movimento e preparar o seu triumpho. E, se quizer baixar o seu espirito das altas espheras onde se recreia, e at-

tentar no que o cerca, se metter a mão na sua consciencia terá de confessar, quando não seja a nós, ao menos a si mesmo, que a liberdade que a *ré publica* nos trouxe, nos dá bem o direito de termos saudades da *tyrannia* monarchica.

Ora é porque ninguem—salvo os agitadores—está contente com os processos da *ré publica*, é que eu convido o meu illustre antagonista a não confundir o povo, o tal em nome do qual se fala, se legisla, se tyranniza, com o outro, o que soffre as consequências de tanto avanço, de tão luminoso progresso e que, por ser uma enorme e esmagadora maioria se chama a Nação Portuguesa.

Não, a Nação Portuguesa nada tem de commum com a *ré publica* portugueza, a não ser as relações que possa haver entre o preso e o carcereiro, entre a victima e o algoz, entre o camponio confiante e simples e o vigarista que o intrujou.

Porque, o attentado republicano, não foi mais do que um conto do vigario e para esperar do roubado conformidade com o roubo, ou clemencia para o ladrão, é preciso suppô-lo não só absolutamente destituído de criterio, como de dignidade.

Ora porque as coisas são assim—os factos não consentem desmentido—*cumpre ao exercito*, como muito bem diz o Siamez educado, *velar pela honra da Nação*, não pelo proveito da horda arruaceira, e, *segundo a vontade d'esse mesmo povo*, restaurar a Monarchia e com ella a paz, a ordem e a dignidade da Nação, porque, ainda segundo o illustrado articulista, *o exercito recebeu da Nação os seus poderes, não podendo subsistir contra ella, contra os seus interesses, nenhum juramento ou compromisso de honra*, ao que accrescentaremos—*mormente quando foi coagido pela força das circumstancias a faltar a compromissos e a juramentos anteriormente e livremente tomados, porque então, não somente cumpre honestamente a sua obrigação de defender os interesses de quem lhe paga e que são, no fim de contas, os seus proprios interesses, como se resgata do labeu de desleal, egoista e cobarde, que muito justificadamente a Nação lhe lançou.*

E' por isso que verberamos as palavras do snr. major, que nem é o snr. major A, nem o snr. major B, mas simplesmente um symbolo, muito embora seja simultaneamente carapuça que pode servir melhor numas cabeças do que noutras e que cada um poderá enterrar mais ou menos, segundo o conforto ou incommodo que ella lhe causar.

E é isto o que nos doe e não o estomago, como diz o outro Siamez, com a ausencia da gamela. Jamais a procuramos e nunca a procuraremos e, aquelles de entre nós que não preferem a fome honrada á aviltante fartura, esses, ha muito anaiaram ao festim democratico; esses, já não são dos nossos, são lá da grei.

PORT WINE

Tristes dias se preparam para o desgraçado Douro!

Só quem já percorreu as suas serranias, quem marinhou pelas suas empinadas encostas, ou se deixou escorregar até aos seus fundos vales, poderá fazer uma ideia do esforço tenaz e gigantesco, que gerações de verdadeiros heroes tem desenvolvido, para converter as suas fragas em terra productiva.

Só quem calçou o seu solo, argamassa barrenta no inverno que o ardente sol de verão converte em argilla quebradiça, poderá fazer ideia da temerosa lucta travada entre o homem e a natureza,

para arrancar áquella terra tão rica e tão avara, o nectar divino, pão do pobre, alegria do rico, gloria do rincão que o produz, mealheiro fiel e seguro do velho Portugal.

Comtudo o rijo montanhez, duro cavador das tezas serranias, terá de abandonar a terra que o viu nascer, a terra onde realisou o maximo do esforço dos seus musculos potentes, e da sua constancia tenaz, terá de emigrar, expatriar-se, ir buscar a outros paizes o pão duro e negro do exilio amassado com o seu suor e as suas lagrimas, amargas como o são sempre as que a injustiça e o odio fazem chorar.

Mas o que é o chôro, a desgraça, a miseria d'uma provincia inteira, se pensarmos que é esse o preço da benevolencia da Inglaterra para com a nossa joven republica?

Que importa que abertamente nos confessemos uns falsificados dos nossos proprios productos, que nos confessemos ladrões de nossos filhos, de nós mesmos, se a Inglaterra fingir que nos toma a serio como gente civilizada?

Que importa que essas montanhas que até aqui sorriam á natureza no verde esmeralda dos seus pampanos, vistam o roxo lutooso das suas urzes, e o negro das suas estevas?

O sul, é também Portugal, e essas chatneacs immensas, que a preguiça de seus donos nunca arroteou, esses desertos infundaveis onde nunca uma semente de trigo germinou, podem bem inundar a Inglaterra, a Europa, o mundo inteiro do precioso licor que, para ser precioso, apenas lhe basta uma pequena coisa, quatro letras apenas, um p., um o., um r., e um t.

E' certo que foi com estas poucas letras, que no entanto levaram quatro seculos a juntar, que uma outra provincia, uma outra filha, que não uma enteada, de uma patria maldita, tornou famosos os seus productos; mas que importa isso? Porventura não será isso um preconceito?

E será razoavel que altos espiritos se preocupem com tão pequenas coisas como são os preconceitos?

Port Wine, traduzido á lettra, toda a gente mesmo pouco illustrada sabe que quer dizer vinho do Porto. Mas o Porto é porventura uma região vinhateira? de fórma alguma; portanto, o vinho que lá ha e de lá sae, é porque para lá o transportaram d'outro sitio, que se até aqui era do oeste, nada impede que d'aqui por diante o seja do sul.

E depois Porto, se não fosse o luxo da lettra maiuscula, nada impediria de se applicar a qualquer outra cidade aonde possam arribar navios. Ora Lisboa, Setúbal, Faro, Lagos, etc., estão perfeitamente nessas condições.

Port Lisbon é o porto de Lisboa que, por uma elegante abreviatura—não abreviam também os inglezes o Port Wine, ou Wine of Oporto como razoavelmente deveriam dizer, visto como por sua conta e risco nos estropiam o nome do baluarte da Liberdade, simplesmente para Port, com designação exclusiva ao vinho? Porque se não ha de fazer o mesmo para os outros portos? Qual a razão do privilegio, num regimen *egalitario*, como o é o que felizmente nos rege?

Port Wine, não é pois uma marca regional como egoistamente pretendem os povos do Douro: é o vinho que se encontra em qualquer porto do paiz e que os navios tomam a seu bordo, tal qual como poderiam tomar agua ou carvão.

E para convencer o Douro do seu erro, não descobriu o regimen melhor argumento do que o que podem produzir as boccas eloquentes das *Mausers*, varando em massa, dezenas de *teimosos*! Juncar o solo do Douro de ca-

Londres em Guimarães

GRANDE REDUCCÃO DE PREÇOS

A fim de facilitar aos seus estimados clientes e amigos a excellencia do corte do seu novo tailleur, o proprietario d'esta casa resolveu vender com reduccão de preços todo o seu finamente escolhido Stock de lanificios para a presente estação.

Fatos de bom cheviote desde 7\$000

Alfaiataria, camisaria,
gravataria e perfumaria

ERNESTO DE VASCONCELLOS

17, PASSEIO DA INDEPENDENCIA, 17

Não confundir esta acreditada casa com uma outra que abusivamente usa do titulo
ALFAIATARIA LONDRES

daveres, embê-lo no sangue de algumas dezenas de desgraçados, ainda é a maneira mais racional e pratica de demonstrar-lhe que se esse solo era até aqui inapto para outra qualquer cultura que não a vinha, ficará sendo para o futuro admiravelmente adequado á cultura e desenvolvimento da arvore augusta da Liberdade, da verdadeira Liberdade, da que é filha da Justiça e da Bondade, porque esta que lhes tapa a chumbo a bocca, quando ella grita que tem fome, não é Liberdade, é tyrannia, é oppressão, é a desgraça suprema a que pode chegar um povo, na agonia da sua nacionalidade!

Isto é o fim do fim. Quando os dirigentes de um paiz não escrupulizam em exhibir á face da civilização exterior a crapula que os corroe, esse paiz não tem mais o direito de existencia autonoma, porque demonstra que desceu os ultimos degraus do vicio e da depravação.

Mas que importa isso, se quando a nau fór a pique, essa nau gloriosa que navegou em todos os mares e aportou altiva a todos os continentes, a marujada gritar—viva a ré publica?!

Cretinote ou Pulhote?

Tambem, como todo o bicho careta que se preza, tem um centro, e para darmos ideia do que foi a abertura do dito, recortamos do Seculo de 19 p.

O illustre official (leia-se: lambedor de gamellas) e as nações aliadas, recebem de milhares de pessoas uma nova e calorosa homenagem.

Segue-se a descripção da mise en scene. Preside o conspicuo Estebão que se explica com a habitual eloquencia, como segue:

O sr. Estevão de Vasconcellos diz que no cumprimento da sua inflexivel regra de não faltar nunca a festas republicanas para que seja convidado, com duplo prazer vem á imponente festa de agora (Pois! nem a festa prestava sem elle...) porque ella commemora um facto heroico, cujo protagonista foi o sr. Leotte do Rego.

O 14 de maio, além de derrubar uma dictadura, teve o condão de radicar na alma nacional o amor pela Republica, o que por parte d'esta implica o dever de olhar pelo povo como o povo quer, pela justiça que lhe assiste. Ainda o 14 de maio veio esclarecer, com honra para todos, a nossa situação perante a guerra. Tudo isto significa aquella festa, na qual tem primacial logar o grande

heroe e o grande portuguez sr. Leotte do Rego. Mal o orador conclue, entre quentes saudações, algem grita da plateia: «Viva o grande estadista, Affonso Costa!» Então numa só voz, toda a gente grita: «Viva!», ao mesmo tempo fazendo reboar por largo tempo a mais quente das ovações.

Pum!
Falla em seguida o inclito heroe:

Depois de fazer o indispensavel salem aleck ao snr. Theophilo, outra vez, e para a circumstancia, um grande homem, e ao governo que é genuinamente republicano (a grande novidade!) entra em materia, excretando que duas coisas se estão tornando tão necessarias á nação como a jalapa aos encravados: uma, o saneamento do funcionalismo — (stás a ver!?) e outra aclarar a nossa situação internacional.

Diz mais que foi a generosidade de 5 de outubro que o fez republicano (é pelo visto, porque o não puzeram fóra com dois pontapés, que elle entende agora que se deve assim fazer aos outros).

O orador passa a historiar os primeiros annos da Republica, em que portuguezes traidores levaram o seu anti-patriotismo a ir adquirir material de guerra no paiz vizinho. Referindo-se ao 21 de outubro, descreve-o picarescamente, provocando o riso da assembléa. Esta «intentiona» foi organizada por covardia dos que não queriam ir para a guerra e por este motivo se organizou o ministerio Pimenta de Castro, que, se não fosse o 14 de maio, teria entregado já em absoluto o paiz aos inimigos da Republica. Mas esse ministerio foi um sonho mau, que não mais se ha de repetir porque neste paiz já agora não poderá haver dictaduras.

O outro problema a resolver é a situação de Portugal perante o conflicto europeu. Desde o principio que Portugal tinha o dever de se collocar ao lado da Inglaterra, sem ambiguidades nem hesitações. E Portugal estava realmente disposto a tomar esse caminho. A sua attitudo, retumbando lá fóra, trouxe-nos uma aura de sympathia, que tanto nos engradeceu e glorificou. De repente, porém, a campanha começou. Uns por medo, outros por inimizade no regim, fizeram essa campanha, e a «intentiona» de Mafra foi fructo seu.

Certa imprensa coadjuvou o movimento, talvez até subsidiada pelo dinheiro alemão. O sonho mau porém, desfez-se. (Havia de ser o que entregou a Angola aos Alemães) Muito embora o actual governo tenha de lutar com mais difficuldades que o ministerio Azevedo Coutinho elle, orador, tem fé em que os ministros dos estrangeiros e das colonias hão de esclarecer a nossa situação perante a guerra, de modo a que estejamos onde o dever e a honra da Patria nos mandarem.

Sauda as nações aliadas, começando pela ridente, patriótica e extraordinaria Italia, onde cada navio tem uma bandeira bordada ou pelas mãos rudes das

operarias ou pelas mãos patricias das princezas. (Então? que é d'essa equaldade? Então as mãos das princezas são d'outra massa que as das operarias, seu tonto?) Depois a Belgica, povo pequeno de territorio, mas grande de nobreza e de heroicidade, e a França, paiz da Liberdade, facho gloriosissimo que illumina o mundo, modelo de patriotismo e onde na hora presente não ha partidos, porque apenas ha francezes, e onde a propria Casa Syndical, ha um anno o terror da policia, é hoje o santuario da Caridade... Propositadamente deixa para o fim as saudações á Inglaterra, esse paiz da diplomacia, da organização e do trabalho.

Quanto á Alemanha, diz odiá-la, por pretender esmagar o mundo, esmagando a liberdade. O seu imperio é o simbolo da tyrannia, pois que esmagou a justiça e o direito.

Concluindo, o sr. Leotte do Rego recorda que ha dois homens que, pelo seu passado e pelos seus trabalhos em defeza da Patria e da Republica, merecem que especialmente se lhes citem e victoriem os nomes: um victima de uma bala, outro victima d'um desastre: João Chagas e Affonso Costa». (Que lindol)

A manifestação do publico, que então se segue, é colossal. Prolonga-a ainda a leitura da seguinte carta do ministro inglez, que o sr. Estevão de Vasconcellos, por deferencia para com a nação aliada, pede licença para ler e destacar entre a restante correspondencia recebida:

Ill.^{ms} e ex.^{ms} snr.— Comquanto apreço infinitamente a honra que me fazem pelo convite contido na carta de v. ex.^a de 29 de junho, tenho que significar o meu pezar de não poder utilizar-me de esse convite, visto ter feito regra de não assistir a quizesquer reuniões que não sejam de caracter estritamente officias.

V. ex.^a comprehenderá certamente quanto me é impossivel, ainda que profundamente commovido pela dedicatória da sessão á nobre causa das nações aliadas, fazer qualquer excepção á regra nesta occasião.

Com a maior consideração subscrevo-me— De v. ex.^a att.^o ven. e creado— L. D. Carnegie, ministro da Inglaterra.

Os ministros das outras nações tambem por eguaes motivos, e está-se mesmo a ver que foi por isso, tambem não poderam anapar á glorificação do heroe.

Leram? Entenderam? Meditaram? E então, Cretinote ou Pulhote? Talvez ambas as coisas, e in magna quantitate.

Carteira Elegante

CANCIONEIRO POPULAR

Guarda tu meu coração.
O' minh'alma repetida:
—Dois corações, para quê?
São demais numa só vida.

Choram as aguas do rio,
Choram as ondas do mar,
Chora o vento, as fontes choram.
Porque não hei-de eu chorar?

Na minha alma ha tantas penas,
Ha tantas penas, meu bem,
Como grãosinhos de areia.
As praias do mar contem!

Na caravella do sonho
Tambem fui navegador;
Lancei-me no mar da vida,
Descobri o Meu Amor.

Fui de colina, em colina
Para ter mais horizonte...
Das alturas da tua alma
Vejo Deus, mesmo de fronte.

Anniversarios

Fazem annos na primeira quinzena de agosto as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

DIA 1
Dr. Antonio Pereira da Silva e Cunha.

DIA 2
D. Elvira Leão Costa da Silva e Castro.
D. Maria do Ceu de Mattos Chaves.

DIA 4
Dr. Joaquim de Mattos Chaves.
Manoel Vieira de Castro Brandão.

DIA 7
João Joaquim d'Oliveira Bastos.

DIA 8
Capitão Alberto Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride.)

DIA 9
D. Maria José Coelho da Motta Prego.

DIA 10
Luiz Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride.)

DIA 11
D. Anna de Jesus Teixeira.
José Salvador de Carvalho Cyrne.

DIA 13
D. Francisca Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte.)

DIA 14
João Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride.)

DIA 15
D. Maria Amelia Moniz Coelho da Silva de Moura Teixeira.
D. Maria Angelina d'Araujo Abreu Brandão.

Esteve em Guimarães, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentil filha, dando-nos o prazer da sua visita, o importante capitalis-

ta snr. Barão de Castro Guimarães.

Suas ex.^{as} seguiram para Vizella onde se encontram em tratamento.

Acompanhado de sua gentilissima filha, Mademoiselle Maria José, esteve uns dias em Santo Thyrsó, a ex.^{ma} Senhora D. Julia Amelia Tropa d'Oliveira Ramos.

Encontra-se completamente restabelecido o importante proprietario snr. Antonio Bastos, pae do nosso querido amigo e distincto advogado snr. dr. Antonio Basto Junior.

Estiveram ante-hontem em Braga, onde foram assistir a uma recita, a ex.^{ma} Senhora D. Maria José Ferrão Lobo Machado e seu marido o nosso querido e illustre amigo snr. D. José Tavares de Mendonça Ferrão.

Com o mesmo fim esteve naquella cidade o nosso presado amigo e valioso correligionario snr. dr. José Garrett.

Egualmente estiveram naquella cidade o antigo deputado da Nação snr. dr. João Santhiago e sua ex.^{ma} Esposa.

Continua doente e infelizmente com muita gravidade a ex.^{ma} Senhora D. Albertina Rodrigues Martins da Costa, virtuosa esposa do nosso presado conterraneo snr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão.)

De Lisboa, regressou a Guimarães, o distincto academico snr. Antonio da Costa Guimarães, filho do nosso presado amigo, antigo e illustre presidente da Camara, snr. Alvaro da Costa Guimarães.

Acompanhada de sua ex.^{ma} esposa, deve chegar por estes dias a Vizella o nosso illustre amigo snr. D. Jorge de Menezes.

Aquella estancia, chegaram ha dias a ex.^{ma} Senhora D. Edeltrudes da Camara Bornay Aboim Gomes (Janha) e suas gentis filhas Mesdemoiselles Maria Augusta e Leonor Eugenia.

Encontra-se em Santo Thyrsó, a illustre titular ex.^{ma} Senhora Viscondessa do Bom Successo.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso illustre amigo e distincto caudico snr. dr. Amador Valente.

Regressou de Vizella, onde se achava em tratamento, com sua ex.^{ma} familia, o snr. Virgilio Vieira d'Andrade, considerado commerciante d'esta praça.

Esteve hontem nesta cidade o snr. P.^o Antonio José de Carvalho, parochio de Santo André, Montalegre.

NOTICIARIO

Torneio

Domingo ultimo realizou no seu stand o Club dos Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, um torneio de tiro aos pombos, a que concorreram muitos socios do Club.

Os premios foram distribuidos aos seguintes tiradores:

- 1.^o — snr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro
- 2.^o — snr. Joaquim Ribeiro da Silva
- 3.^o — snr. José Salgado
- 4.^o — snr. Jayme Alberto Pinto
- 5.^o — snr. José Ferreira
- 6.^o — snr. Joaquim Lemos
- 7.^o — snr. Domingos Fernandes Azenha.

«A Nação»

Reapparece na terça-feira proxima o honrado orgão do Partido Legitimista, que após os tristes acontecimentos de maio ultimo, suspendeu a sua publicação.

E' nos muito agradável vêr de novo na lucta um diario como «A Nação» que sempre se tem imposto pelo denodo do seu combate, moldado no mais arreigado patriotismo, com vistas unicas de servir a Patria, que muito lhe deve.

Cumprimentando o velho e honradissimo jornal, dirigimos eguaes saudações ao seu valoroso e distincto director snr. Franco Monteiro e ao seu illustre redactor e nosso querido amigo e correligionario Severino d'Azevedo que tanto têm trabalhado pelo restabelecimento da Ordem e da Legalidade.

São Thiago

E' hoje que no pittoresco local da Costa se realisa uma pomposa festividade a São Thiago, havendo no final a costumada romaria, que é sempre muito concorrida.

«Jornal da Noite»

Como noticiamos reapareceu ha dias o nosso querido e valoroso collega da capital «Jornal da Noite» que tão distinctamente é dirigido pelo nosso querido amigo e illustre jornalista snr. Rocha Martins.

Cumprimentamo-lo affectuosamente.

Exames

Completo o 3.^o anno de medicina na Universidade do Porto, o nosso sympathico amigo e intelligente academico Alfredo Pinto de Souza e Castro.

Tambem fez exame de medicina operatória, pathologia externa e chimica cirurgica, na Universidade de Coimbra, o nosso querido amigo e distincto academico José Saúzio Ribeiro da Cruz.

Felicitemos sinceramente os intelligentes academicos.

Fez exame do 3.^o anno do curso commercial, obtendo plena approvação, o nosso sympathico conterraneo Antonio da Costa Guimarães, filho do importante industrial e nosso presado amigo snr. Alvaro da Costa Guimarães.

Tornée do Gymnasio

Por motivo de força maior não se realizam por esta Companhia os espectaculos que estavam annunciados para 27 e 28 do corrente.

Prevenção

Ernesto de Vasconcellos, tendo tido necessidade de procurar substituir o seu primitivo cortador — o que nesta data já fez, e com vantagem — previne os seus estimados clientes, amigos e commercio em geral que o mesmo snr. deixou de estar ao seu serviço desde o dia 10 do corrente.

Aproveita o ensejo de rogar aos mesmos o favor de não confundir a sua acreditada casa de alfaiataria **Londres em Guimarães** com uma outra que o mesmo seu empregado imitativamente faz girar sob o titulo **Alfaiataria Londres**, no intuito evidente de estabelecer no publico uma confusão manifesta e desleal, pelo que julga indispensavel, para os devidos effectos, fazer esta prevenção.

Corrente d'ouro

Perdeu-se uma, de relógio, na passada terça-feira, desde a igreja de S. Pedro até ao largo do Trovador.

Pede-se a quem a achou a fiabilidade de a entregar nesta redacção, pelo que receberá alviçasas.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:
Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides à Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:
Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco e porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:
Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 réis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

Mercearia e Confeitaria Andrade

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgilio Vieira d'Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguezes habituaes da casa, que acaba de tomar de trespasse a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sonhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a maxima perfeição e acceio.

Vinho tinto delicioso; cervejas e gasosas.
Apetitosos petiscos;
excellente queijo da Serra e flamengo.

Travessa do Monte Pio, á Senhora da Guia.

Preços rasoaveis.

NOVA OFFICINA DE LATOARIA

E FUNDIÇÃO DE METAES

—DE—

GUIMARÃES & LOBO

122, Rua D. João I, 124

GUIMARÃES

Encarregam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra
Executam trabalhos em metal, taes como:
Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre;
alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes.
Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e apparatus em todos os sistemas
Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

CARVÃO COKE

importado da Fabrica do Gaz de Braga

Tabella de preços

Por cada 900 kilos (um carro)

16\$500 réis.

Por cada 15 kilos (uma arroba) 300 réis

Vendas a dinheiro—Peso garantido

O preço por carro acima indicado é posto em casa do consumidor

VENDE-SE NESTA CIDADE

EM CASA DE

Fernando d'Almeida

Pede-se aos Ex.^{mas} freguezes para verificarem sempre o peso do carvão em suas casas.

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$800 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 71

Ex.^{mo} Snr.